Numero 82 — Domingo 19 de Agosto de 1883 — Anno 2.

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS
EM AVEIRO: anno (50 n.os) 1$000 rs.; semestre (25 n.os) 500 rs.
FÓRA D'AVEIRO: anno (50 n.os) 1$125 rs.; semestre (25 n.os) 570 rs.
BRAZIL (moeda forte) e Africa oriental, anno... 1$500

Publica-se aos Domingos

As assignaturas devem ser pagas adiantadas

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES
Na secção dos annuncios: cada linha 30 rs.
No corpo do jornal: cada linha 60 rs.
Numero avulso 30 rs.
Redacção e administração — rua Direita.

EXPEDIENTE

Aos nossos estimaveis assignantes rogamos o obzequio de mandarem satisfaser a importancia das suas assignaturas, o que é indispensavel para a regúlaridade e boa administração do nosso jornal.

E' fineza que esparamos merecer e com que contamos.

A'quelles que já satisfizeram ao nosso pedido agradecemos.

AVEIRO

OS INDIFFERENTES

E' cada vez mais desanimadôr o espectaculo, que nos offerece a sociedade portugueza. Tudo cahe pôdre a pedaços. Não ha brio, nem pundonôr, nem enthusiasmo, nem fé.

As nossas condicções economicas e administrativas peioram de dia para dia. A divida publica é enorme, e o dificit cresce d'um modo assustadôr. O commercio paralysa, a industria não tem vida, a agricultura estaciona. O dinheiro proveniente dos impostos, que cada anno nos esmagam, desapparece na voragem dos esbanjamentos monarchicos.

Cem vezes se tem dito isto, mas cem vezes é necessario repeti-lo para evitar responsabilidades no futuro. O povo não nos quer ouvir e chama-nos pessimistas. Pois bem; o pessimismo não tardará muito que se revele no mais espantoso dos cataclysmos modernos. Não ha dinheiro e para o arranjar, ou o governo nos augmenta os tributos espantosamente, ou faz a bancarrota. Em qualquer dos casos vem a fome, e como a fome é negra, a revolta cruenta das ruas será uma necessidade fatal. E depois, quem nos ha de salvar no meio d'essa grandissima desordem?

O partido monarchista, que nos arrasta a ella, tem de se esconder n'esse dia. O partido republicano, se o grupo numeroso dos indifferentes se não abraça a elle antes da hora suprema, será incapaz de debellar o mal.

Os indifferentes—eis os grandes inimigos da patria. Conhecem e confessam que o partido regenerador é esbanjador, é immoral, é dissoluto e covarde. Conhecem e confessam que o partido progressista é ambicioso, cynico, explorador, dissoluto e covarde tambem. Porque se não lançam então com coragem na corrente democratica? Porque não temos homens, dizem; porque entre nós ha o predominio dos insignificantes e dos maus, que alienam simpathias e levam a descrença á alma dos fortes.

Por isso mesmo deveriam sêr republicanos. Engrossem as fileiras dos homens intelligentes do republicanismo, que esses insignificantes e esses maus desapparecerão n'um instante. Tragam-nos o seu patriotismo, o seu trabalho, a sua vontade, a sua dedicação, que é o essencial, e deixem o resto ás deliberações d'um partido pensante, assim fortemente constituido!

O que se não admitte é que haja homens honestos, conscios da ruina da patria, que se não unam n'um esforço heroico para a salvar. Mal se comprehende que milhares de cidadãos deixem ao acaso o governo do paiz, apoiados em desillusões metaphysicas e a pretexto d'uma supposta «falta de homens.» Ha falta de homens, porque a cobardia leva o maior numero a fugir e a ignorancia muitos outros a abster-se da vida publica. Quem se declara «indifferente» em politica ou é covarde ou é tolo.

Ou teme as fadigas d'um trabalho laborioso e irremuneravel ou não percebe que a tal «politica,» que tanto horror lhe produz, paga os seus destinos e os de seus filhos. Se os indifferentes estudassem e se interessassem pela marcha da sua terra, talvez que Portugal não estivesse no momento actual as portas d'uma revolução tremenda, senão á beira d'uma perda irremediavel.

—Não os acompanhâmos aos senhores, dizem-nos com altivez, porque os senhores não sabem o que fazem.

—Mas se os senhores conhecem que não «sabêmos o que fazemos,» é porque os senhores «sabem o que deveriamos fazer.» Então guiem-nos, elucidem-nos, ensinem-nos, acompanhem-nos com as suas luzes e as suas experiencias. Ou antes, tomem os senhores a direcção dos negocios publicos, que nós os ajudaremos com coragem e actividade.

O autor d'estas linhas é um republicano insignificantissimo, que acha melhor trabalhar do que dormir e crêr do que descrêr. Que façam o mesmo os taes indifferentes e dou-lhes a minha palavra de honra, que me amarrarei ao seu carro triumphante a empurrar sem descanço uma das suas multiplices rodas. Pois os senhores entendem que os politicos só são velhacos ou tolos e não pegam n'um chicote para os escorraçar? Tolos são os senhores, que lhe abandonam nas mãos os seus mais caros interesses.

O partido republicano é o mais honesto e o mais patriotico. Faltam-lhe ainda por certo muitos elementos importantes, que se poderiam recrutar no numero dos indifferentes. Repetimos, aquelles d'entre estes que não seguirem o caminho democratico e permanecerem no mesmo isolamento agarrados a umas certas descrenças pueris são os maiores inimigos da patria. Sobre elles cahe a responsabilidade da nossa ruina completa.

A ignorancia de que se cobrem excede a dos monarchicos que toleram.

Antonio de Castro.

OS TUMULTOS DE CHAVES

São altamente lamentaveis os acontecimentos que se deram ha dias em Chaves.

Um official de cavallaria, esquecido da cordura e sensatez que os regulamentos militares lhe recommendam, assassinou um popular com um tiro de rewolver. O facto é grave e exige um castigo severo. Sentimo-lo profundamente, tanto como sentimos a loucura do governo. O sr. Fontes está-nos envergonhando diariamente e parece incrivel que o exercito, que aquelle figurão deshonra, se não levante armado a exigir-lhe a responsabilidade dos seus actos.

O ministro da guerra é o culpado do que acaba de se passar em Chaves. Começou por nomear o coronel Beltrão commandante do 13 de Infanteria e terminará por condecorar esse louco exaltado que se chama—o capitão Celestino. A primeira bofetada que Chaves soffreu, deu-lh'a o sr. Fontes com a collocação d'um militar condemnado no 13 de linha, um dos melhores corpos do exercito portuguez.

O sr. Beltrão só podia sêr coronel n'um paiz onde são generaes os celebres Santos, ex commandante famoso do 9 d'infanteria e Sá Carneiro, ex-director celeberrimo do collegio militar.

O sr. Fontes, que não teve vergonha de promover os dois ultimos, tambem a não teve para laurear o primeiro. Quem não conhece o Beltrão? Quem ignora as gentilesas praticadas por esse sugeito em Africa, nas Ilhas e em Lisboa? Pois esse homem, que deveria ter sido mettido em conselho de guerra por mais do que uma vez, é arvorado em insultador do exercito e do povo por obra e graça do valido d'el-rei.

Logo que chegou a Chaves, tratou de desconsiderar os officiaes. Reprehendeu sem razão nenhuma, em ordem regimental, os officiaes d'inspecção e prevenção. O ministro da guerra, em lugar de o metter na ordem por meios energicos, attendeu-lhe as insinuações e transferiu não só os dois officiaes, como todos aquelles que *ousaram* deffende-los em publico!! Depois, mal recebido, por esse motivo, pela população, procurou vingar-se d'ella, arrancando-lhe o corpo de lá.

O ministro da guerra deu-lhe ouvidos e prestou-se ás suas vinganças. Eis o resultado.

O procedimento do sr. Fontes foi pessimo em todo este negocio:—primeiro, porque escutou o Beltrão, quan-

---

(7) Folhetim

DISCURSO

PRONUNCIADO NA CAMARA DOS SRS. DEPUTADOS DO IMPERIO DO BRAZIL

Na sessão de 16 de julho de 1880

Pelo snr.

Saldanha Marinho

O governo foi facil de mais em taes concessões. Em materia como essa, não é licito a nenhum governo fazer favores.

Especialmente o que emana de um poder do Estado não póde deixar de ser muito reflectidamente considerado com antecedencia. Os poderes do Estado devem sempre estar attentos ao que se lhes pede, e avaliar com criterio o fim, o alcance, as consequencias do acto que tem de auctorizar. A não procederem assim, prejudicarão o paiz.

O nobre sr. ministro do imperio assignando esses decretos, nem sequer eu o creio sinceramente, consultou a seus collegas. Se tivesse sujeito esses actos ao juizo do gabinete, se os tivesse antes communicado ao seu collega o sr. ministro dos negocios estrangeiros, S. Ex.ª encontraria d'esse illustre cavalheiro a mais plena opposição Se lhe tivesse communicado que ia dar curso forçado ao que no ministerio anterior se havia preparado, o sr. ministro de estrangeiros, que comprehende devidamente a materia a que se ligam esses decretos, os reprovaria «in limine». Estou convencido de que, em justificação de sua muito procedente censura, repetiria ao nobre ministro do imperio estas memoraveis palavras:

«Tem sido essa condulencia, essa tranquillidade, esse fechar de olhos, que tem aberto porta franca, em todos os paizes e em todos os tempos, a muito idéa funesta, que sob o mais risonho aspecto e com as mais lindas côres vem perturbar a marcha dos povos livres, transtornar a civilisação adiantada, e abafar a civilisação nascente. Essa benevolencia indifferente tem consentido na entrada de muito contrabando immoral, que se apresenta sob as roupas austeras da santidade.»

O sr. Freitas Coutinho:—V. Ex.ª podia tomar isso para distico do seu discurso.

O sr. Saldanha Marinho:—Fique V. Ex.ª convencido de que quem disse essas palavras ha de sustental-as sempre: eu o espero.

O sr. Jeronymo Sodré:—E' o que eu lamento.

O sr. Saldanha Marinho:—As irmãs da caridade estão constituidas no Rio de Janeiro como um Estado no Estado.

Como instituição, como corporação, foram repellidas, desde que descobriram o seu intento nos estatutos que offereceram á approvação do governo.

Em 1860, no intuito de terem entrada franca, e de conseguirem existencia juridica, prepararam calculadamente os seus estatutos, contendo insidiosamente os elementos de sua futura dominação, e meios faceis de realisação de seus planos, e os apresentaram ao governo.

Era ministro do imperio o honrado sr. conselheiro João de Almeida Pereira, o qual conhecendo, como todos conhecem, e ninguem se póde já chamar á ignorancia, que essas famosas irmãs de caridade são a guarda avançada da phalange jesuitica, teve a coragem civica, e prestou valiosissimo serviço publico, negando a approvação d'esses estatutos.

Contra esta instituição se levantou a imprensa do Rio de Janeiro. Temos entre os nossos dignos collegas um muito distincto e honrado cavalheiro, caracter sisudo, e de honra ilibada, que, como um dos redactores do «Correio Mercantil», não trepidou em expôr-se ás iras, que não tardaram contra elle, que primeiro se atreveu a dizer pela imprensa a verdade ácerca das irmãs da caridade e sua instituição, e quando era mister coragem para atacar de frente esse colosso de hypocrisia e fanatismo.

Refiro-me ao nosso collega, o honrado sr. Joaquim Bento, que no Correio Mercantil expoz com franqueza as suas idéas nos bem elaborados artigos que publicou n'aquella folha.

O sr. Joaquim Bento:—Muito obrigado a V. Ex.ª: mantenho ainda as mesmas idéas, e com inabalavel convicção.

O sr. Saldanha Marinho:—Mesmo no que concerne á caridade nos hospitaes, aonde se lhes tem consentido uma ascendencia de que em grande escala abusam, opinião muito valiosas e de distinctos e respeitaveis medicos as condemnam.

O muito illustrado e honrado sr. dr. Pertence não as póde supportar, e deixou de continuar no serviço do hospital, porque não era obedecido em suas prescripções. Essas boas mulheres levavam o seu capricho até não observarem as dietas determinadas, especialmente a respeito de enfermos que cahiam em seu desagrado.

O sr. Joaquim Bento:—O illustre sr. Visconde de Santa Izabel tambem as condemnou severamente, quanto ao serviço no hospital da Misericordia.

O sr. Saldanha Marinho:—Como é que professam a caridade?

Entrando um pobre homem para a Santa Casa, que é dominada por ellas, teve a «desgraça» de levar um annel com emblema maconico. Foi desde logo mal tratado, ficando até sem alimento sufficiente.

Ignorava a razão de tal odio; quando lhe disseram a causa, tirou o annel e entregou ás pias irmãs, que d'elle se apossaram, dizendo que seria vendido, e o producto applicado a esmola para Nossa Senhora.

E o pobre homem perdeu o annel, e ficou na mesma «excommunhão», até que em desespero fugiu de tal caridade.

Nos hospitaes ellas não se limitam a cuidar dos enfermos: entram para essas casas com fins bem diversos. O «commercio» é o seu primeiro cuidado, e por isso procuram, desde que lh'o consentem, estabelecer o seu dominio sobre a administração.

Na Santa Casa d'esta côrte tomaram ellas uma tal preponderancia que podiam dispôr de quanto era destinado ao custeio do estabelecimento. Grande especulação foi essa, e tanto se excederam que o cavalheiro que servia de provedor, e que aliás lhes era affeiçoado, não consentiu que continuassem ellas a exercer tambem a sua «caridade» no orçamento.

Por muitos annos tiveram despacho livre na alfandega de numerosos volumes vindos da Europa, e de cujo conteudo não se lhes exigia direitos, o que muito as animou a fazer, como fizeram, optimas negociatas. Exerceram a caridade até o contrabando. Dizem me que actualmente não é tanto o escandalo, mas posso affirmar, e com o testemunho de insuspeitos homens do commercio, que «por caridade» receberam ellas muitas mercadorias, com as quaes e por interpostas pessoas, faziam facilmente a sua mercancia «por caridade e amor da religião».

E' que a tal apregoada caridade não passa de mercancia, quer de dinheiro, quer de consciencias.

Um qualquer estabelecimento nacional de educação, e mesmo de simples ensino primario, custa a manter-se; por muito frequentado que seja, bem raro é o que deixa pequenos lucros aos seus instituidores. E' que nos collegios nacionaes, nos collegios propriamente seculares, a alimentação dos alumnos não é mesquinha e insufficiente, é que nenhum discipulo é empregado em serviço material, e o salario em favor do mestre ou director.

O que, porém, se observa n'esses nucleos de infelizes meninas pobres, recolhidas por «esmola» nos estabelecimentos de irmãs de caridade?

Percorram as ruas do Rio de Janeiro em dia em que estas irmãs de caridade, para fazerem ostentação, sahem com essas miseras que estão sob a sua direcção.

Reparem para ellas, e, excepção feita das que pagam, e bom dinheiro, para lá estarem, e que bem se distinguem, ficarão contristados. Semblantes abatidos, a pallidez pela insufficiencia de alimentos, e por excessivo trabalho, o acanhamento, a desconfiança, o medo, cada uma com a sua veronica de latão ao pescoço, olhando a furto a superiora, que se impõe como uma despota: é o que se observa n'essas imponentes victimas do fanatismo e da mercancia em nome de Deus. (Apoiados).

Deixemos, porém, estas observações, que cabem melhor no seguinte ponto da minha interpellação.

Reatarei os meus argumentos sobre os dois decretos de 14 e 16 de junho d'este anno. Se o aviso do sr. Almeida Pereira, em 1860, tivesse sido observado, como n'elle se contém, não se achariam as irmãs de caridade hoje na possibilidade de fazer estabelecer associações como as de que tractam esses decretos, e que não são mais do que ramificações da associação a que aquelle aviso negou existencia «juridica».

Honra tambem ao sr. conselheiro Liberato

do não devia fazer; segundo, porque voltou atraz com a ordem de transferencia de corpo, quando o respeito pela disciplina lh'o prohibia, ou a ordem fosse bôa ou fosse má.

Aqui ha tempos, foi castigado o coronel Consolado, com uns poucos de mezes de inactividade, por não ter sustentado uma ordem que dera. Castigou-o o sr. Fontes; e quem castiga agora o ministro da guerra? Quem se atreve a exigir disciplina no exercito, se os primeiros fautores da indisciplina são os funccionarios militares de primeira plana?

Pelo que toca ao procedimento dos officiaes de cavallaria, não ha nada mais censuravel e irregular. Um official só sahe á rua a dominar uma desordem, quando é requisitado pela autoridade policial e então commanda uma força e em lugar d'um chicote, empunha uma espada honrada.

O sr. coronel Serrão, capitão Celestino e mais officiaes sahiram á frente do povo de Chaves, a chicotea-lo, quando este tranquillamente se dirigia ao municipio, isto é, a sua casa. Como! Em que se fundaram os illustres militares para assim proceder? Onde aprenderam a dominar tumultos por essa forma?

Parece incrivel, que um coronel irreflectido desça a tanto.

Emfim, a officialidade de cavallaria 6 incorreu n'um erro grave, digno d'um castigo severo.

O sr. Beltrão e o sr. Fontes, esses estão abaixo de toda a critica. Emquanto o povo se não resolver a correr a monarchia, ha de soffrer desgostos maiores.

Que aprenda!

OS FUSILAMENTOS

A monarchia hespanhola acaba de praticar uma infamia. D. Affonso de Bourbon mandou assasinar quatro sargentos, que se atreveram a revoltar-se contra o seu governo paternal. O sangue pede sangue, e ninguem se admire de que no dia da revolução se faça ao filho de Isabel de Bourbon o mesmo que elle acaba de mandar fazer aos republicanos.

O homem, que foi collocado no throno *por um pronunciamento militar*, ousa embever-se no sangue dos que não fizeram mais do que seguir-lhe o exemplo. Voltam pois, os dias ominosos e sombrios que precederam a queda de Isabel. Se as mesmas causas produzem os mesmos effeitos, a morte definitiva da realesa hespanhola approxima-se a correr.

Oxalá que o ajuste de contas venha breve, como esperamos, e entretanto o *Povo de Aveiro* protesta em nome da humanidade contra o acto tyrannico do rei de Hespanha, lamentando tristemente as pobres victimas do Regimento de Numancia.

BANDIDOS

Tive a ingenuidade de suppôr que um Bonaparte fosse alguma cousa differente de um assassino—disse um dia Rochefort. Nós alimentámos por algum tempo a candura de que o Bourbon se tivesse regenerado na dura escola da adversidade. Perfeito engano! Um não vale mais do que outro. O Bonaparte desfecha, á queima roupa, um rewolver sobre Victor Noir; o Bourbon manda fuzilar quatro sargentos, que se limitaram a protestar, por meio das armas, contra a villania da monarchia hespanhola. Vê-se pois, que os reis e principes se entendem ás mil maravilhas. São sanguinarios, são crueis, são despotas, são infames. E' este o unico epitheto, que lhes quadra e por isso lh'o applicamos sem reservas nem hesitações.

O traidor de Sagunto, el niño terso, mandou fusilar quatro sargentos republicanos em S. Domingo de Calzada e espingardear o valente ex-deputado Cala, de Cadiz. Eis os factos em todo a sua nudez. Resta a cada um o commentario devido a feito tão illustre e a heroe tão assignalado.

Os republicanos não derramaram uma gota de sangue sequer não commetteram um unico attentado: o rei vinga-se matando e fuzilando.

São assassinas as monarchias. Não o ignoravamos. Matam pela ignorancia, pelo veneno, pelo punhal, e pelo canhão bruto. As realezas alimentam-se da guerra e da conquista, o que tanto monta dizer que se alimentam do roubo e do assassinato. Os factos ahi estão e a ninguem é licito negal-os.

Que se mate um homem em justa defeza concebe-se e é legal. Porém matar um homem, cujas faculdades se deveriam aproveitar a bem de todos, torna-se, além de repugnante, baixo e miseravel.

Qual é o dever do medico?

Curar. Envidar todos os esforços possiveis, afim de salvar o doente, que lhe é confiado. Irrisorio seria que o medico accelerasse a queda do moribundo, por ter desesperado da sua cura.

Qual é o dever do politico?

Progredir. Esforçar-se porque a justiça e o direito, tenham uma verdadeira sancção terrestre.

Mas a justiça não manda matar ninguem. Mas o direito, que é a sciencia do dever, manda-nos concorrer para o integral desenvolvimento das faculdades dos nossos semelhantes.

Os fusilamentos nem são justiça nem direito.

Então que são?

Não matarás—exclama a moral christã.

Não faças a outrem aquillo que não quereis que vos façam—disse o propheta.

Os fusilamentos nem são moral nem religião.

Então que são?

Todo o homem é livre perante o seu semelhante—escrevem os philosophos.

Todo o homem é egual perante a lei—estabelecem os jurisconsultos.

Os fusilamentos nem são liberdade nem egualdade.

Então que são?

Todo o homem gosa de direitos imprescriptiveis—determinam as constituições.

Todo o homem tem um direito sagrado a viver em sociedade, trabalhando e usufruindo os fructos da sua actividade.

O fusilamento nem é constitucional nem social.

Então que é?

O amor do proximo é uma virtude em almas bemfazejas—exclama o christianismo.

A garantia á existencia é um dever de toda a constituição bem organisada—repete a sciencia.

Os fusilamentos, contrariando as leis da natureza e da sciencia, constituem um ataque brutal ao progresso dos povos e collocam naturalmente os paizes que d'elles usam fóra do concerto geral das nações civilisadas.

O sangue pede sangue. As realezas declararam guerra aos povos. Cumpre ao povo acceitar o repto e preparar-se para uma lucta decisiva e derradeira.

Nada importa! Fusilae, réis! Matae, selvagens! corrompei, miseraveis. Eia, Bourbons sanguinarios e devassos! Eia, Braganças immoraes, felicitaes o vosso primo co-irmão pelo alto feito commettido. Estaes no vosso posto e nós no nosso. A hora suprema soará!

Magalhães Lima.

BAIRRADA

Não ha que duvidar: a invasão phylloxerica tende a tomar proporções assustadoras em toda a Bairrada. São já muitos os focos descobertos pela inspecção geral a que se está procedendo, e o maior, o mais importante, foi encontrado na quinta d'Orta, em Tamengos, a 2 e meio kilometros ao S. de Mogofores.

As camaras e os viticultores continuam assistindo de braços crusados á crise eminente que atravessamos. As commissões de vigilancia nenhum auxilio tem prestado á inspecção; a commissão districtal não trata de se reunir, e se ao governo, se á acção official não lembrasse ordenar este anno a inspecção a este districto, a phylloxera caminharia desassombradamente na sua obra destruidora e implacavel.

A' Bairrada está reservada a situação precaria que invade o Douro, que assusta todo o paiz vinhateiro. Contem com isso os senhores viticultores, vão-se preparando para as horas da adversidade que os espera. Attenuariam um pouco os effeitos da calamidade, se tivessem pensado em se reunirem para a mutua coadjuvação, para a defesa commum no momento da crise. Grande responsabilidade toca a todos: aos proprietarios e ás camaras, principalmente. Em vez de se entreterem com as tricas d'uma politica pessoal, que lhes manda eleger para deputado um alto funcionario que só cuida dos interesses partidarios e burocraticos; em vez de votarem de chapa umas listas camararias, compostas de mediocridades escolhidas a dedo, era melhor que os homens independentes da Bairrada se dessem as mãos para olharem a serio pelo futuro da viticultura local e que não se deixassem embalar por influencias que só miram á satisfação da sua possante vaidade e das suas affeições de familia. Não estamos em tempos de circulos enfeudados a esta ou áquella tutella. A Bairrada em presença d'uma crise tremenda, não hade ir pedir ao seu deputado vitalicio que lhe salve as vinhas, quando elle do que trata é de conservar o talher á mesa do orçamento, de servir os interesses do seu corrilho politico e accommodar os afilhados famintos a quem pedio favores e adhesões.

A Bairrada não deve eleger para deputado um funccionario publico; com uma crise assustadora para a sua primeira industria, do que ella carece é d'um representante que olhe pelos seus interesses agricolos, que viva com o povo, que não lhe sugue os recursos, que o oiça e attenda nas suas mil necessidades, na sua constante labutação.

Emquanto a Bairrada não fizer isto, emquanto ella não fôr insufflada d'um vento de emancipação que a torne uma localidade independente e zelosa dos seus caros interesses, desbarata o seu presente, que está longe de lisongeiro, e compromette o seu futuro, que já não se antolha inteiramente risonho.

CARTAS

—*—

Lisboa 17 de agosto.

Passou a revolução e ficaram os commentarios dos jornaes.

A gente do governo esforça-se por tirar ao movimento revolucionario hespanhol a grande importancia que elle teve, importancia reconhecida por todos os jornaes da Europa incluindo os que na Hespanha defendem a dynastia, e affirma com entono que, ainda que a Republica se proclamasse no paiz visinho, a realesa bragantina nada soffreria com isso.

E' o *Diario da Manhã*, periodico do deputado por Aveiro, o que maior notabilidade tem adquirido com essas cantatas realengas.

O *Diario Popular*, porem, em magnificos artigos, têm-lhe posto a nu a sandice, infligindo ao rhetorico sr. Pinheiro Chagas bôas licções de politica geral.

E' principalmente para nos referirmos aos artigos do jornal do sr. Marianno de Carvalho, que fallámos nas discussões monarchicas, travadas a proposito dos acontecimentos de Hespanha.

O *Diario Popular*, insuspeito para os republicanos cujas sympathias não merece muito, tem demonstrado, por uma parte a grande força do partido republicano portuguez; pela outra, a morte immediata da monarchia de Bragança apoz a queda da monarchia dos Bourbons.

Pelo que nos diz respeito, affirma que são numerosissimos os adeptos dos edeaes republicanos; que só nos faltam chefes habeis, energicos, com talento e prestigio para podermos dar o golpe de graça na realesa; que ha muitos homens importantes que acompanham a monarchia *só por causa das influencias do poder*, mas que a abandonarão logo *que rebente um movimento revolucionario com probabilidades de triumpho*. De tudo conclue que, attendendo á propaganda francesa, que cresceria consideravelmente com o triumpho da Republica em Hespanha, ás affinidades da raça latina, aos erros do sr. D. Luiz e á força dos republicanos portuguezes, a monarchia em Portugal cahirá necessariamente no dia seguinte áquelle em que cahir em Hespanha.

Hoje, continuando a responder ao *Diario da Manhã*, escreve o que se segue:

«O *Diario da Manhã* assenta, como ponto decidido entre todos os homens que pensam e estudam, que as fórmas de governo não representam nem um progresso nem um retrocesso, e até affirma que são essas as nossas edêas aprendidas com os mestres da sciencia social. N'este ponto discordamos e o collega aprecia mal as nossas doutrinas. Pelo contrario sustentâmos que as formas de governo, essencialmente perfectiveis, como todas as instituições humanas, se modificam necessariamente com os progressos das sociedades. A *forma do futuro proximo é a republica representativa;* a do futuro mais remoto será ainda outra».

Estas palavras, escriptas por monarchicos da ordem dos redactores do *Diario Popular*, são assaz significativas. Que attentem n'ellas os que nos taxam de doidos!

Não ha que vêr, a sentença condemnatoria da monarchia portugueza está lavrada. Na hora final não encontrará sequer ao pé de si quem lhe reze a oração da agonia.

Barroso, que, conhecendo o mal a que me tenho referido, providenciou opportunamente, como terei de mostrar.

Mas, pela inercia do governo e das auctoridades competentes, de nada valeram esses actos dos dois distinctos ministros.

Os collegios das irmãs de caridade continuaram sem licença e sem inspecção, as exigidas habilitações das mestras têm sido sempre illudidas, e d'isto, ultimamente, e para justificar faltas imperdoaveis d'aquelles a quem incumbe a inspecção rigorosa d'este importantissimo de ramo de serviço publico, apenas se tem forjado documentos que peccam pela origem, que é das proprias irmãs de seus companheiros lazaristas.

O sr. Freitas Coutinho:—O sr. João de Almeida, n'esse aviso que V. Ex.ª cita, conservava esse privilegio dispensando as provas de capacidade.

O sr. Saldanha Marinho:—V. Ex.ª está enganado.

O sr. Freitas Coutinho:—Faça-me o favor de ler.

O sr. Saldanha Marinho:—Eu o satisfarei.

Desconfiando o sr. conselheiro João de Almeida Pereira que de mais alguma cousa do que de uma simples instituição de caridade e de ensino aos pobres se tratava, estudou seriamente esses estatutos, e, comprehendendo a insidia que encerravam, negou-lhes a sollicitada approvação, e expediu ao bispo do Rio de Janeiro o aviso de 9 de outubro de 1860, que sempre o honrará. Eis o aviso: (lê):

«Sua Magestade o Imperador, tendo ouvido as secções dos negocios de justiça e do imperio e o conselho de estado ácerca dos estatutos da sociedade de S. Vicente de Paulo, submettidos por V. Ex.ª á approvação do governo imperial, e tendo-se conformado com os pareceres das sobredictas secções, por uma immediatas e imperiaes resoluções de 6 do corrente mez, manda communicar a V. Ex.ª, para seu conhecimento e fins convenientes, que.....

.....

1.º Posto que a piedosa instituição das irmãs da caridade inspira ao governo imperial a maior confiança, não é possivel que fiquem isentos os estabelecimentos que ellas dirigem de toda a fiscalisação da auctoridade publica, a qual não póde desistir da inspecção que deve sempre exercer efficazmente a respeito de todas as casas de educação e instrucção publica.

.....

.....

«3.º A «incerteza ácerca dos directores» dos estabelecimentos de que faz menção o artigo 53 dos estatutos, e conseguintemente a incerteza das regras por que se hão de dirigir estes estabelecimentos, não permitte que a associação possa effectuar a fundação dos mesmos sem que obtenha do governo auctorização prévia especial para cada um d'elles.

«Assim pois, a clausula contida no artigo 3.º dos estatutos, de que «ninguem se possa ingerir» na direcção e administração dos sobreditos estabelecimentos, só deverá ser entendida sem exclusão da inspecção que ao governo compete exercer por meios de seus propostos.

«4.º A «pouca clareza» com que se acham redigidos alguns artigos dos estatutos, particularmente os artigos 46, 49 e 56, exige as convenientes declarações, para que se evitem duvidas que possam occorrer sobre a intelligencias das respectivas posições.»

Comprehende a camara a insidia com que essa fatal associação pretendia, illudindo o governo, conseguir firmar o seu imperio com existencia legal n'esta terra, cujo governo alias tem tolerado, e já com manifesto prejuizo publico, o arrojo d'essas irmãs dos jesuitas.

Não foram approvados esses estatutos. Esta associação de irmãs de caridade ficou sem existencia legal no imperio.

O sr. conselheiro Liberato Barroso, no seu ministerio, tendo conhecimento de que collegios se achavam estabelecidos sem as precisas faculdades com professores não habilitados, quiz, como já disse, prover de remedio a este grande mal, e expediu o aviso de 29 de Setembro de 1864, que será sempre um documento honroso de sua administração, e que vou ler á camara, para que fique bem conhecido. Eil-o:

«Declaro a V. S.ª:

«1.º Que, publicadas que sejam as sobredictas instrucções, nenhuma tolerancia deve haver com os que as infringirem, fazendo se irremissivelmente effectivas as penas n'ellas impostas

2.º Que até o fim do proximo anno de 1865 todas as pessoas, sem excepção nenhuma, que actualmente dirigem n'este municipio estabelecimentos de instrucção particular, debaixo do nome de collegio, escola, ou outro qualquer, os quaes tenham sido legalmente constituidos, devem justificar perante essa inspectora geral a legalidade dos estabelecimentos, «exhibindo por intermedio dos respectivos delegados da instrucção não sómente os seus titulos de capacidade, como tambem os do pessoal que estiver empregado no ensino e na direcção».

«3.º «Que dentro do praso acima declarado devem igualmente habilitar-se perante a dicta inspectoria geral as pessoas que indevidamente estiverem dirigindo alguns dos referidos estabelecimentos», justificando as suas habilitações. e as do pessoal que estiver empregado no ensino e na direcção, bem como as pessoas que exercerem o magisterio em casas particulares: devendo umas e outras cumprir em todo o rigor as disposições das sobredictas instrucções, sob as penas n'ellas comminadas».

Na verdade, sr. presidente, não se podia exigir disposição mais inergica, mais positiva do que esta que foi expedida pelo illustrado nobre conselheiro José Liberato Barroso.

O sr. Freitas Coutinho:—Teve elle applicação?

O sr. Saldanha Marinho:—V. Ex.ª não conhece o que se passa entre nós?

O sr. Freitas Coutinho:—Ficou no tinteiro.

O sr. Saldanha Marinho:—Ficou em desuso e prevaleceu a prepotente vontade das irmãs de caridade, as quaes, senhoras d'esta terra, apossaram-se do ensino.

Na falta ainda de existencia juridica, ellas, sempre insidiosas, crearam as duas associações, que por descuido do governo foram approvadas pelos dois decretos de que ora me occupo, e que são a mais subtil arma de que as irmãs de caridade podiam lançar mão, para no futuro allegarem que já haviam sido reconhecidas pelo governo, visto que n'esses actos do poder executivo se menciona o collegio que existe, e que aliás é irregular e contrario á lei, bem como se menciona como personagem importante de qualquer das duas instituições a SUPERIORA d'esse collegio das irmãs de caridade.

Auctorizou-se a que a associação trabalhe em «salões d'esse collegio», e o governo, se essa estabelecimento não está constituido legalmente, foi facil e por demais descuidado em referir-se a «collegios» sem licença e «superiora» sem habilitações.

Os dois decretos compromettem o governo.

Devo, antes de entrar na analyse d'esses decretos, declarar á casa e ao publico que os estatutos submettidos ao governo são assignados por senhoras muitissimo respeitadas e a quem consagro a maior consideração (Apoiados).

Devo, porém, dizer-lhes que lamento que, prestando as suas assignaturas nas melhores intenções e maxima singeleza, fossem sem duvida illudidas pelas insidiosas hypocritas irmãs de caridade. A todas essas victimas de caridosa esperteza, eu, entretanto, acato, venero e respeito; e, portanto, nas considerações que tenho a fazer, nenhuma intenção nutro de offendel-as nem venialmente.

A seu respeito me limito a dizer que S. Ex.ªs, aliás tão respeitaveis por todos os titulos (apoiados), concorreram involuntariamente para um mal e foram sem querer instrumento das irmãs de caridade, as quaes geitosamente as induziram a isso, de que sem duvida terão de arrepender-se no futuro, e sob a irrisão d'essas hypocritas.

Analysados esses decretos, tão facilmente firmados pelo nobre ministro do imperio, chega-se, ao conhecimento do fim verdadeiro para que foram impetrados. Constituem apenas, e sem objectivo real de interesse publico, uma subtil armadilha ás fortunas particulares em proveito da associação geral das jesuitas irmãs, cujos cofres estão fóra do Brazil, e cujas rendas são dispostas em proveito sómente da cruzada ultramontana.

Eu peço á casa que me permitta começar por uma disposição dos taes estatutos approvados pelo decreto de 16 de junho d'este anno, e que contém sómente uma armadilha ao dinheiro dos incautos ou catholicos imbecis em proveito da detestavel associação jesuitica, contem mais ainda uma perigosissima circumstancia que é preciso combater e com maximo vigor. (Apoiados.)

Sr. presidente, o legislador brazileiro, nem outra qualquer auctoridade do imperio, teria hoje a estulta coragem de estabelecer no Brazil a differença de côres. (Apoiados) Não ha collegio publico onde essa differença seja lembrada sequer. Não ha repartição, não ha emprego, não ha funcção publica, por mais elevada que seja, onde se faça semelhante differença, onde a côr do individuo, constitua habilitação ou differença. (Apoiados) No nosso paiz, onde temos a igualdade da lei, onde sómente a virtude, o talento, o saber, são distinctivos de benemerencia (apoiados); onde não somos nem brancos nem pretos, mas todos brazileiros (muitos apoiados), é por demais estranhavel, que directa ou indirectamente, se auctorize uma tão perigosa distincção.

(Continúa)

Tanta infelicidade até nos chega a commover.

E que nos dizem os leitores ás estranhas theorias do sr. Pinheiro Chagas? Aquelle sabio anda de mal para peior. Elle, *o historiador famoso, o publicista immortal*, já chegou á descoberta peregrina de que as formas de governo *não representam nem um progresso, nem um retrocesso.*

O homem immortalisa-se decididamente.

—A noticia do fusilamento dos sargentos de cavallaria do regimento de Numancia, causou um impressão terrivel em Lisboa. Os proprios monarchicos *torceram o nariz*, quando a lêram. E' que elles bem sabem que não é assim que a monarchia se sustenta. Para ella tentear os dias da vida é necessario que dê muitas regalias e apparente generosidade. O contrario esmaga-a.

Resurgiu, pois, 66. Quando resurgirá 68? Não tarda, creiam-no. Affonso XII entrou no caminho de Izabel II. *El hijo* sabe á *madre*.

O *Antonio Maria* vinha hontem esplendido, verdadeiramente soberbo. A rainha mãe, collocada atraz do filho, estende o braço por baixo do d'este e com uma penna, onde se lê 1868, assigna por Affonso XII a sentença de morte dos quatro sargentos. Por detraz levanta-se terrivel o espectro do Prim. Magnifico!

—Partiu hontem para Roma o celebre jesuita Masella, nuncio de *Sua Santidade* em Lisboa. Os jesuitas fizeram-lhe uma manifestação na gare de Santa Apolonia. Levantaram vivas ao padre, abraçaram-no, carpiram-no, o diabo a quatro.

Entre os manifestantes havia muitas damas da *primeira sociedade* (na devassidão?) e varios deputados e senadores. Intructivo, sim senhores! Ha dias os republicanos pretenderam manifestar a sua sympathia aos emigrados hespanhoes. Prohibiram-lh'o á força armada. Agora, deputados, pares do reino, funccionarios publicos etc., fazem uma manifestação jesuitica e o governo tolera-a, protege e abraça os seus autores.

Que irrisoria cousa é isto de liberdade monarchica!

—Prepara-se um grande jantar democratico para o dia 24 do corrente, anniversario da proclamação da constituição de 20.

—Corre que vão sêr perseguidos os jornaes republicanos, que publicaram artigos contra a monarchia hespanhola.

Eia, valentes.

—No domingo e segunda houve um calor mortal. Hoje tambem se não pára.

—Acabo de lêr o relatorio impresso do *primeiro congresso das associações portuguezas*, realisado em Lisboa de 10 a 18 de junho de 1882.

A commissão redactôra é composta dos srs. Consiglieri Pedroso, Costa Goodolphim e Theophilo Braga, tres republicanos. Pois bem. A paginas 128 lê-se:

«O sr. Casimiro Freire.... quer a *dotação do clero* a fim de sêr preenchido o grande numero de cadeiras vagas actualmente.»

Ora os tres citados republicanos deveriam comprehender, que o republicano sr. Casimiro Freire seria incapaz de *querer* em qualquer circumstancia a dotação do clero.

Sahiu aquella grande tolice por lapso, ou que foi? Tambem seria lapso não lhe publicarem a proposta que apresentou, quando publicam as de toda a gente?

Y

ROUBO IMPORTANTE

Na quarta-feira á noute, praticou-se n'esta cidade um roubo importante.

A autoridade teve logo conhecimento do facto, mas até á hora em que escrevemos estas linhas, ainda se não procedeu contra os criminosos, que, segundo nos consta, já foram descobertos, assim como o paradeiro dos objectos roubados.

Consta-nos mais, que os objectos roubados foram os seguintes: objectos de ouro e prata no valor de 400$000 a 500$000 reis; uma quantidade de cobertores de damasco, no valor de 400$000 reis; grande quantidade de garrafas de vinho do Porto e Madeira e toda a roupa que encontraram nos bahus.

Alguns d'estes objectos, segundo nos dizem, foram escondidos no **Convento de Jezus**, por pessoa que ajudou a praticar o roubo. Algumas pratas já appareceram.

Consta-nos tambem, que se trata de abafar o processo, porque os criminosos pertencem á alta aristrocracia, e segundo nos dizem ha desejos de os proteger a fim de não darem entrada na cadeia.

Se fosse algum desgraçado que commettesse um roubo d'estes, já a esta hora estava a ferros.

Tambem nos dizem que n'este negocio entraram **jesuitas**, e que o roubo foi praticado por **beatas**!!!

Nós esperamos que as autoridades cumpram com os seus deveres, punindo rigorosamente os criminosos.

No proximo n.º trataremos mais largamente d'este assumpto, porque esperamos colher todos os elementos precisos, para accusar as autoridades, se ellas até esse dia ainda não tiverem cumprido com o seu dever.

Justiça é o que pedimos.

O sr. presidente da camara municipal d'Aveiro, que devia ser o primeiro a cumprir rigorosamente o n.º 1 do artigo 9.º do Codigo de Posturas Municipaes, está todos os dias a transgredir esta disposição, sem que até hoje lhe fosse applicada a respectiva multa de 1$000 reis.

Ora nós, que desejamos da melhor vontade coadjuvar as autoridades no saneamento da cidade, vimos pedir aos srs. zeladores e mais empregados encarregados da policia municipal, para que façam cumprir rigorozamente a todos os habitantes d'esta cidade, **sem excepção**, as disposições do capitulo 3.º do Codigo de Posturas Municipaes.

A' camara municipal náda pedimos, porque, alem de ser inepta, perdeu a vergonha.

Precisamos saber o que tem feito o encarregado do correio de Sever do Vouga, a trinta e nove jornaes que temos enviado ao sr. Manuel Joaquim Tavares, de Rocas, jornaes que este sr. declara não ter recebido.

N'esta redacção apenas foi entregue o n.º 78, com a declaração de devolvido, tendo nós enviado o nosso jornal desde o n.º 39.

O sr. Tavares, declara n'uma carta que temos em nosso poder o seguinte: «*alguns jornaes vieram, mas poucos, e n'elles escrevi a nota —devolvido—.*»

Taes jornaes não foram recebidos n'esta redacção, e é por isso que vimos pedir providencias, esperando que o sr. encarregado do correio nos diga o destino que deu aos referidos jornaes.

Pedimos ao sr. governador civil d'este districto, se digne officiar ao presidente da camara municipal, para que **esta nullidade** faça cumprir o capitulo 3.º, 4.º, 7.º, 8.º, 9.º e 15.º do Codigo de Posturas municipaes.

E' uma necessidade sr. governador civil. Faça mexer esse homem. Elle não tem vergonha, nem faz caso das justas reclamações dos seus municipes. Azorrague-o, que é a unica maneira d'elle dar signal de vida.

E v. ex.ª, tambem se deve mexer! Olhe que nós voltamos á carga! Cuidado, porque pedimos o cumprimento da lei.

Estão desaforados os gatunos em Sever do Vouga e nas immediações. Os meliantes exhibem uma coragem e audacia dignas de melhor emprego. Tudo lhes faz conta, e são capazes de tirar o ovo debaixo da galinha sem ella sentir. Já estão alguns presos e muito bom seria que succedesse o mesmo ao resto da quadrilha. Em Valle Maior (concelho d'Albergaria) e d'ahi até á Foz do Rio Mau tem elles praticado diversas gentilezas. A's auctoridades recommendamos energia e diligencia.

O sr. administrador do concelho de Albergaria, capturou e enviou ao sr. governador civil d'este districto, por suspeitas de ter praticado crime de homicidio, um individuo hespanhol, que diz chamar-se D. Benito Gomes, e ser natural de Soutolongo, da provincia de Pontevedra.

O prezo, devidamente algemado e escoltado por quatro cabos de policia, chegou a esta cidade no dia 15 do corrente, dando entrada na cadeia, afim de se proceder a averiguações.

Sobre o caso do infantecidio de Pecegueiro poseram definitivamente pedra, ao que parece. Pois nós desejavamos bem saber se o sr. juiz de direito d'Agueda tem conhecimento do negocio. Quer-nos parecer que sim. Entretanto vamos lembrando o crime e perguntando se as auctoridades que o deixam impune se não tornam assim cumplices dos reos.

Ao meu prezadissimo amigo José Fernandes Mourão, envio as minhas sinceras felicitações pela distincção que obteve no exame de physica, chimica e introducção á historia natural, que ultimamente fez no Porto.

Eduardo Queiroz.

Esteve no domingo n'esta cidade o nosso amigo Augusto Pinto dos Reis Canedo, proprietario da acreditada typographia =*Commercio e Industria*= estabelecida na cidade do Porto, e sem duvida uma das melhores do paiz.

O nosso amigo retirou no comboyo da manhã de segunda feira.

Partiu no dia 15 do corrente, para S. Vicente, povoação proxima de Oliveira de Frades, o nosso prezadissimo amigo e distincto veterinario o sr. Daniel dos Santos Almeida. Este cavalheiro foi em companhia de seus amigos, e por curiosidade, fazer alguns estudos sobre a phylloxera terrivel molestia que tanto damno está cauzando ás vinhas.

O sal, importante ramo commercial da nossa terra, está apenas tendo venda para salgar o pescado das nossas praias. A exportação paralysou, porque está em caza do **valido Fontes** algemada aos seus gloriosos impostos.

O paiz que possuir um estadista como o nosso *caro* Fontes, *está livre* de ser penhorado pela Inglaterra e de lhe serem roubadas as provincias ultramarinas!!!

Famoso politico! Tu és a glorada nossa patria, porque foi no teu reinado que se lançou o vexatorio imposto do sal!

A patria tem ainda muito a esperar de ti!... A sua completa ruina.

Na segunda feira de manhã partiu para Espinho uma diligencia de dezoito praças do destacamento de infanteria n.º 9, estacionado n'esta cidade, sob o commando do sr. tenente Coutinho, a fim de policiar n'aquella localidade a *vermelhinha* e as cazas de *batota pataqueiras*.

O tyranno Affonso, filho dilecto de Izabel II, a sanguinaria, mandou lavrar o execravel e nefando decreto do fusilamento!

Féra maldita e barbara, que te achas embrutecida pelo deboche, caro te custará o teu furor sanguinario! O povo hespanhol brevemente te pedirá contas do sangue que acaba de correr! E's um bandido covarde, que mandas assassinar infamemente os teus subditos!

Queres sangue? Terás muito, ao terminar a orgia! Mas será sangue de represalia, amaldiçoado pelo povo que ama a liberdade e com ella a Republica.

Eis os nomes e estado das desgraçadas victimas de Affonso XII:

Primeiro sargento, José Guerrero Martin, de 33 annos, natural de Lobros, provincia de Granada, casado: começou a servir no exercito em 1 de julho de 1871.

Primeiro sargento, Gomes Sedano de 34 annos, natural de Campillo (Burgos), casado: serve no exercito desde 9 de junho de 1870.

Segundo sargento, Gregorio Cuno Garcia de 29 annos, natural de Alcantra (Cáceres) solteiro: entrou no exercito em 28 de fevereiro de 1874.

Segundo sargento Felix Alonso Llorente, de 33 annos, solteiro, natural de Barajas (Palencia): no serviço militar desde 20 de junho de 1870.

O primeiro cabo Luciano Benito foi condemnado pelo conselho de guerra a prisão perpetua.

O piquete que deu as descargas, com que ficou vingada a monarchia e saciada a ferocidade sanguinaria de Affonso XII, compunha-se de soldados do proprio regimento de Numancia.

Vae sair brevemente —«O Bouquet»—, jornal litterario que se publicará bi-mensalmente no Porto, sob a direcção do nosso intelligente amigo Alberto Bessa, e collaborado por penas laureadas e por as principaes e erudictas damas do paiz.

Este jornal é destinado ao sexo belo, e publicará escriptos importantes em litteratura, em artes e em sciencias, chronica theatral, chronica das praias, etc, etc,. Sairá no dia 5 e 20 de cada mez, em elegante formato de oito paginas, a tres columnas.

Chama-mos attenção dos nossos leitores, para o annuncio que vae no lugar competente.

A Folha Nova, o famoso athleta da liberdade, o estrenuo propugnador das regalias populares, o intrepido campeão da republica, acaba de reapparecer.

A Folha Nova, é um excellente e primoroso jornal, que adoptou uma doutrina sympatica, firmada nos verdadeiros principios da liberdade e da justiça.

Spada, um dos redactores politicos d'aquelle nosso collega, é, alem d'um brilhante escriptor, um verdadeiro republicano, e um futuro mestre, de quem temos muito a esperar.

Ao nosso estimadissimo collega desejamos-lhe uma longa vida, cheia de prosperidades, agradecendo-lhe a honra da sua vizita que gostosamente retribuimos.

O *caro* Fontes, prometteu, ao assumir as redeas do governo *matar o bicho*... deficit, mas elle cresce enormemente e não teme o seu algoz!

A divida fluctuante, só no mez de julho ultimo cresceu a *bagatella* de 3:220 contos! Isto é, está já na fabulosa cifra de 14:000 contos!

N'este caminhar accelerado para a nossa completa ruina, teremos d'aqui a pouco de hypothecar as nossas proprias casas, se é que o aulico Fontes ainda as não poz no *prego*!

Isto percebe-se perfeitamente! A monarchia está a dar o ultimo arranco, e não deseja fazer testamento!

Morre como um fidalgo arruinado, deixando-nos, dividas, fome e um quadro bem triste—**A perda da nossa independencia**—!!!

Tal é o desfecho da orgia monarchica.

E o infeliz povo portuguez assiste de braços crusados a todas estas scenas de corrução esperando pelo dia da amargura.!!!

A Republica Federal dá as seguintes informações sobre o naufragio do vapor Luzo:

«Quinta-feira, 26, depois das onze horas da noite o vapor *Luzo* que vinha de Lisboa pela Madeira e Santa Maria correr os portos da escala, foi encalhar no porto de S. Pedro, na villa da Lagôa.

Salvaram-se todos os passageiros sem nenhum perigo, porque o tempo estava perfeitamente socegado; perdendo-se porém quasi toda a carga, incluindo 100 moios de milho, grande parte da qual não estava segura.

Diz-se que foi causa do sinistro uma cerração maritima que por um momento involveu o navio, cerração que se diz notada a bordo das corvetas de guerra francezas aqui estacionada.

Os passageiros em grande parte dizem que não havia cerração e diz-se que os maritimos da Lagôa dizem o mesmo; sendo, por isso, a versão mais geral muito desfavoravel com relação ás causas do naufragio, chegando mesmo os que admittem a cerração a estranhar fortemente que no meio d'ella se continuasse a navegar em direcção á ilha, quando era evidente que ella estava a dois passos, em vez de se virar de rumo até passar a cerração.

Ha talvez aqui um grave descuido ou equivoco que, para honra de todos, muito convinha se puzesse a claro. Por nossa parte a reconhecida probidade do commandante exclue toda a idéa de premeditação; mas a opinião geral, demasiado inclinada á descrença, insiste em ver alli um acto intencional, chegando mesmo a julgar mal os que não pensam por egual fórma.

Lamentamos a occorrencia e, ainda mais, as compromettedoras apparencias que a revestiram.»

Foi registado civilmente na administração do bairro occidental de Lisboa um filhinho do commerciante sr. Manoel Rodrigues, morador na rua dos Romulares, 35, 4.º andar.

Foram testemunhas os srs. Manoel Nunes d'Oliveira com estabelecimento na rua do Arsenal, 106, e Antonio Dias Gonçalves tambem com estabelecimento na rua do Arco do Marquez de Alegrete, n.º 2 E.

O registado foi inscripto com o nome de Manoel Luiz Rodrigues.

Corre como certo, que desde o *pronunciamento* de Badajoz, os jornaes portuguezes destinados a Hespanha tem sido apprehendidos no correio hespanhol por ordem superior, e principalmente os jornaes republicanos.

A isto não se pode chamar apprehensão, mas sim um roubo.

Nós ajustaremos contas.

Casaram civilmente no bairro central, Lisboa, o sr. Joaquim Martins de Almeida Lopes com a ex.ma sr.a D. Maria Paulina Poliete. Foram testemunhas os srs. Francisco Gago de Sousa e Antonio Maria Ferreira.

Foi agraciado com a commenda da Conceição o nuncio apostolico *masella* que esteve em conflicto com o ministro da justiça.

E' o cumulo da pouca vergonha! Querem protecção mais descarada para os jesuitas?

No dia 16 do corrente apresentou-se á medicina d'Oliveira d'Azemeis um pobre homem, a fim de lhe serem extrahidos alguns bagos de chumbo d'um tiro que lhe tinha dado um filho, resultado d'uma altercação que este tivera com o author dos seus dias!

Esperâmos que a auctoridade d'aquella villa *galardôe* aquelle heroe.

Pervenção

Constando-me que um individuo do Porto se tem dirigido a algumas casas para onde eu forneço vinhos finos, exhibindo mostras que diz serem dos mesmos meus vinhos e offerecendo-os por outros preços, *declaro* que *só* as ditas casas os podem obter *continuando* a tractar *directamente commigo*.

Julio V. d'Almeida Basto.

ANNUNCIOS

ARREMATAÇÃO

Hoje pelas 11 horas e meia da manhã, ha de proceder-se á arrematação da obra que necessita o telhado do Theatro Aveirense. As condições estarão patentes, por essa occasião, aos concorrentes.

A arrematação ha de realisar-se no atrio do mesmo theatro.

O Presidente da direcção.

José Antunes d'Azevedo.

AS GUERRAS DE NAPOLEÃO 1.º

POR

ERCKMANN-CHATRIAN

Obra Premiada Pela Academia Franceza—Um Fasciculo Semanal de 4 folhas de 8 paginas e duas gravuras 50 réis— Assigna-se no escriptorio da Empreza de Romances Illustrados rua da Fabrica, 66— Porto, e em todas as livrarias e Kiosques.

Acceitam-se correspondentes nas diversas terras do reino.

LEILÃO

Hoje 19 do corrente, pelas 10 da manhã, na rua direita d'esta cidade e loja n.os 72, 74, 76, 78, proceder-se-ha á venda em leilão de toda a ferramenta pertencente ao fallecido carpinteiro Augusto Barboza.

NO PRELO

O CORPO HUMANO

Edição Illustrada

Esta obra, illustrada com 44 GRAVURAS elucidativas do texto, precedida d'uma *gravura colorida* representando a circulação do sangue (pulmões, arterias e veias) e impressa em MAGNIFICO PAPEL, formará um grosso volume in-8.º de 400 paginas, pouco mais ou menos.

Afim de facilitarmos a acquisição d'esta excellente publicação, resolvemos dividil-a em 5 FASCICULOS, custando cada um 200 reis.

O prospecto é remettido a quem o pedir a

ERNESTO CHARDRON, EDITOR

PORTO

ATTENÇÃO

João Antonio da Graça, acaba de receber um grande sortido de balões venezianos, assim como uma grande collecção de bandeiras, as quaes aluga por preços muito commodos.

O mesmo annunciante se encarrega da collocação de illuminação nos arraiaes, assim como adornamentos de ruas.

Aveiro, Rua de José Estevão n.º 24.

Cabelleireiro

PRAÇA DA FRUCTA

AVEIRO

Antonio de Lemos Junior, com estabelecimento de cabelleireiro na Praça da Fructa, participa ao publico aveirense, que acaba de receber uma porção de bixas francezas da primeira qualidade. Tambem se encontra no mesmo estabelecimento um preparado especial para lavar a cabeça.

Attenção

José Nunes da Maia, morador na rua do Sol, d'esta cidade, tem para vender uma porção de **Madeira Cerejeira**.

Quem a pretender comprar pode dirigir-se ao annunciante.

NO PRELO

Musa Velha

POR

FRANCISCO PALHA

Um volume em papel *chamois* e typo elzeviriano.

PORTO

ERNESTO CHARDRON, EDITOR

ATTENÇÃO

Angelo da Roza Lima, tem no seu estabelecimento da Rua dos Mercadores um magnifico guarda-louça do mogno, e uma meza elastica oval, que tem no seu maximo comprimento desenove palmos. Vae pôr á venda as cadeiras americanas e de volta, que ahi se vendem a 850, a 750; e as de outros systemas—beira d'alguidar e de caxilho,—que se vendiam a 700 réis, a 600 réis mas isto até ao dia 10 de setembro.

SCINTILLAÇÕES E SOMBRAS

POR

Ernesto Pires

ACHA-SE Á VENDA EM AVEIRO

NA LIVRARIA

DE

Mello Guimarães

!NOVIDADE!

Ourivesaria Manufactora

14—RUA DAS BARCAS—16

AVEIRO

José Eduardo Mourão

Noites Romanticas

F. N. COLLARES

18=LISBOA, RUA DA ATALAYA=18

O Rei do Crime

LURO VELÓCE & C.ª

Grande Romance de costumes contemporaneos, cuja acção principal se passa em Portugal e Brazil por

C. BONHEUR

illustrado com magnificas gravuras desenhos francezes.

50 rs. cada semana 5 folhas ou 4 e uma estampa em todo o paiz.

Brindes aos srs. angariadores de 6 até 40 assignaturas.

BRINDE Á SORTE

UMA INSCRIPÇÃO DE 100$000

VENDEM-SE

Duas commodas de nogueira preta de raiz, com pedras de marmore branco.

E' o mais bonito e melhor que se pode encontrar em nogueira preta.

Quem as desejar vêr e comprar, pode dirigir-se á

5—Rua d'Alfandega—6

AVEIRO

SINGER!

A MAIS IMPORTANTE COMPANHIA DO MUNDO!

GRANDE NOVIDADE

A COMPANHIA FABRIL SINGER

apresenta ao publico um magnifico sortido das suas excellentes e mais modernas

PRIVILEGIO EM PORTUGAL POR 20 ANNOS

GARANTIA POSITIVA E ILLIMITADA

DE

LANÇADEIRA OSCILLANTE

E'esta a revolução mais completa que tem havido nas machinas de custura; trabalho facil e perfeito.

O pesponto o mais ellastico e o mais perfeito.

Para se convencerem da verdade vinde ás casas abaixo indicadas onde se darão todos os esclarecimentos.

ENSINO GRATIS! CONCERTO GRATIS!

500 reis semenaes, e 10 por cento a dinheiro.

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

COMPANHIA FABRIL SINGER

75, Rua de José Estevão, 79

Pegado ao Edificio da caixa Economica

AVEIRO

52, Largo da Praça, 53

OVAR

N. B. Em Espinho vende-se tambem na casa de Carlos Evaristo Felix da Costa.

ARREMATAÇÃO

No dia 31 do corrente, pelas 11 horas da manhã, ha-de ser arrematado, no local da Barra d'esta cidade o visto e não visto do resto do casco do vapor "Katte Forster,, alli naufragado,

NO PRELO

OS RATOS DA INQUISIÇÃO

POEMA INEDITO

DO JUDEU PORTUGUEZ

ANTONIO SERRÃO DE CASTRO

PREFACIADO POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

PORTO

ERNESTO CHARDON—EDITOR

Um volume em papel *chamois* e typo elziviriano.

26?

26? 26?

O tu, que tens espoza e filhos adorádos,
Lymphaticos e palidos, e pouco reforçados,
Se q'reis que tenham sangue e boas carnes duras,
Ouvi esta receita, que tem milhões de curas:
—Copinhos de Madeira e Porto lhe dareis
Do que ha para vender, na Praça—26—

26?

O BOUQUET

Album Artistico-Litterario Bi-Mensal

ESPECIALMENTE DEDICADO ÁS SENHORAS

EMPREZA

DE

ALBERTO BESSA — DIRECTOR | *ALVARIM PIMENTA* — GERENTE

PREÇOS D'ASSIGNATURAS

(PAGAMENTO ADIANTADO)

PORTO		PROVINCIAS		BRAZIL	
Anno.....	1$000	Anno.....	1$200	Anno.....	3$000
Semestre.....	550	Semestre.....	650	Semestre.....	1$800

Sae brevemente o primeiro numero.

Recebem-se assignaturas no escriptorio da empreza na rua de Santo Ildefonso n.º 394—Porto, e nas principaes livrarias do paiz.

Assigna-se em Aveiro, na redacção d'este jornal.

OFFICINA DE SERRALHARIA

DE

JOÃO AUGUSTO DE SOUZA

4---Largo da Apresentação---6

EM

AVEIRO

N'esta officina fazem-se portões, grades, lavatorios, fogões, e camas de preço de reis 8$000 a 1$400.

Fabrica de Bolacha e Biscoutos

DE

AUGUSTO DA SILVA TEIXEIRA

CONVENTO DA ESTRELLA

COIMBRA

BOLACHA	Kilo	BISCOUTOS	Kilo
D. Luiz.	220 rs.	Limão 1.ª	220 rs.
Franceza 1.ª	230 »	» 2.ª	210 »
» 2.ª	210 »	Canella 1.ª	220 »
Agua e Sal 1.ª	240 »	» 2.ª	190 »
» » 2.ª	230 »	Lacinhos	250 »
Leve	210 »	Suissos	400 »
Torrada	240 »	Belgas	320 »
Requife 1.ª	360 »	Paciencias e Marialvas	400 »
» 2.ª	260 »	Linguas de gato . . .	400 »
» 3.ª	220 »	Palitos amendoa 1.ª .	360 »
Erva doce	170 »	» » 2.ª .	320 »
Amores	360 »	Canella	220 »
Pão de Ló		Limão	240 »
» em fatia torrado		Deliciosas	320 »
		Estrellas	400 »
Pemzinhos	360 »	Corôas a Camões . .	320 »
Primores	400 »	Marquinhas	320 »
Bolo inglez, duzia . .	200 »	Pauperios e Bisc. Porto	220 »

N. B.—Os preços acima mencionados não tem desconto.

COMPANHIA

DAS

Messageries Maritimes

(8) (23)

A Empreza protectora, por contracto com a dita companhia offerece passagem nos magnificos paquetes francezes a sahirem de Lisboa: — NIGGER em 23 de agosto Pernambuco, Babia, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Ayres. ORENOQUE em 8 de setembro, directamente ao Rio de Janeiro, Montevideu e Bueno Ayres.

A mesa de 1.ª classe é commum para os sr.s passageiros de 2.ª.

Tracta-se em AVEIRO, Agencia Central, com PAULO DE SOUSA PEREIRA

48 =RUA DE JOSÉ ESTEVAM=50